

CIRANDAR A VIDA AD VITAM

de Tea Frigerio, mmx
t_frigerio@hotmail.com

RESUMO: Ad gentes, além-fronteiras, ad vitam marcaram nossas reflexões nestes últimos três anos. Num certo sentido sempre me senti desconfortável, embora façam parte do carisma xaveriano, acredito que isso é inerente ao ser discípulo, discípula de Jesus. Refletindo sobre o ad vitam o desconforto intensificou. A proximidade dos 20 anos do martírio da irmã Dorothy Stang e das inúmeras pessoas anônimas ou com nomes martirizadas pela defesa da Amazônia acendeu luzes na reflexão e apontou para Filipenses 2,5-11. Paulo convida a comunidade de Filipo a percorrer o caminho da encarnação que o hino aponta como projeto de vida alternativo ao projeto de morte do império romano, a partir das não-pessoas, até aceitar a prisão, a morte de cruz como obediência à vida, como caminho de ressurreição. Ad vitam: para VIDA!

ABSTRAT: Ad gentes, beyond borders, ad vitam have marked our reflections in these last three years. In a certain sense I have always felt uncomfortable, although they are part of the Xaverian charism, I believe that this is inherent to being a disciple, a disciple of Jesus. Reflecting on ad vitam, the discomfort intensified. The proximity of the 20th anniversary of the martyrdom of Sister Dorothy Stang and the countless anonymous people or those with names martyred for the defense of the Amazon lit lights in reflection and pointed to Philippians 2:5-11. Paul invites the community of Philippi to follow the path of the Incarnation, which the Hymn points out as an alternative project of life to the project of death of the Roman Empire, starting from non-persons, to the point of accepting prison, death on the cross as obedience to life, as the path of resurrection. Ad vitam: for LIFE!

EM RITMO DE CIRANDA¹

Ad vitam, sempre me senti desconfortável com este enunciado, embora não consiga clarear profundamente este desconforto, por isso meu escrito ficou de molho até esses dias.

1. A ciranda é uma das danças mais tradicionais do Brasil, sendo muito popular no estado de Pernambuco. Ela é especialmente querida na Ilha de Itamaracá, onde teria surgido segundo alguns historiadores que alegam que foi inspirada nos movimentos das ondas do mar.

Faço parte do Comitê Dorothy desde seu início; em 12 de fevereiro de 2025 celebraremos 20 anos de seu martírio. Em umas das primeiras reuniões estava presente a irmã Jane Dwyer da mesma congregação que conviveu em Anapu com Dorothy, ela assim se expressou: *“celebrar o martírio de Dorothy deve ser celebrar o seu legado, celebrar os homens e mulheres que nestes anos tombaram lutando e defendendo seu legado”*.

Os romeiros e romeira da 17ª Romaria da Floresta em julho de 2024 assim se expressaram:

“A terra tem vida! E nós não podemos tirar da terra a vida só para nós. Nós temos que pensar naqueles que vem depois de nós, a terra tem que ser para sempre. Então nós a temos que tratar com muito carinho, a terra é fonte de vida para o povo de Deus” (Dorothy Stang). Passados 20 anos de seu assassinato pelo latifúndio, o contexto de violência no campo permanece ceifando vidas, queimando escolas, desmatando, ameaçando e aterrorizando famílias e marcando Anapu com o signo da violência. Denunciamos que a Gleba Belo Monte composta de Terra pública, a maior parte livre para reforma agrária, está sendo invadida, vendida e comprada por fazendeiros e madeireiros e ninguém faz nada. Nesta mesma gleba, numa área invadida foi encontrado um cemitério clandestino com restos mortais de pessoas assassinadas, com ossadas em duas covas rasas, sem o crânio. Até quando o nosso povo terá seu sangue derramado lutando pelo direito de viver e produzir na terra. Nesse contexto, segue em disputa dois grandes projetos de desenvolvimento para Anapu e a Amazônia, de um lado um projeto de desenvolvimento predatório (mineração, agropecuária, monocultura, desmatamento e grandes projetos como a hidrelétrica de Belo Monte) que vê a natureza como mercadoria; de outro, um projeto de desenvolvimento agroecológico que coloca a manutenção da vida humana e da natureza em primeiro lugar, defendendo a liberdade da Terra e de seus filhos e filhas. A vitória do modelo predatório pode levar a destruição da Amazônia e da vida no planeta, temos visto, por exemplo, o caso das enchentes do Rio Grande do Sul e das secas no Amazonas, atingindo principalmente as pessoas mais pobres. Esse modelo pode provocar mudanças climáticas irreversíveis.

Celebrar o martírio de irmã Dorothy é celebrar o martírio de mulheres e homens que deram e estão dando suas vidas, “ad

vitam”, assumindo seu legado: “*Não vou fugir e nem abandonar a luta desses agricultores que estão desprotegidos no meio da floresta. Eles têm o sagrado direito a uma vida melhor numa terra onde possam viver e produzir com dignidade sem devastar*”.

CONVIDANDO A CIRANDAR: IRMÃ DOROTHY

*Ê, é mulher! Ê, ê, ê!
Mulher que acaricia
Mulher que amassa o pão
Mulher na liderança
E na revolução
Mulher que traz no ventre
Nossa libertação!*

(Canto popular)

Essa música me fala muito de você, irmã Dorothy! Nestes dias comemoramos 20 anos do seu martírio e, recordando as celebrações, as manifestações cheias de dor daqueles dias ressoam nossas vozes unidas neste cântico. Daqueles dias em diante, toda vez que ouço ou canto volta presente na minha vida, sua vida. Sua vida é um reflexo da vida de muitas mulheres, das mulheres de hoje e da bíblia. Mulheres do cotidiano, mulheres esquecidas, silenciadas, profetisas da bíblia e da vida, suas companheiras inseparáveis nas longas jornadas, nos quilômetros percorridos na Transamazônia e em seus “traversões”.

“Miriam, a profetisa, tomou nas mãos um tamborim as mulheres a seguiram com tamborins, formando coros de dança” (Ex 15, 21-22). Você entrou na dança de Miriam com as mulheres para lutar e cantar a libertação. Você entrou no coro da dança de Miriam com a leveza de quem ama muito. Amor pelas pessoas sofredoras, amor pela natureza ofendida, abusada e ferida. Você entrou com o passo leve de quem considera a vida uma dança. Com o passo leve, mas seguro e firme, de quem acredita que a dança da vida é tecer relações com a marca dos direitos, da justiça, da paz.

“Débora, muito querida juíza escolhida poder popular” (Jz 4,4ss). O nome Débora significa abelha, mãe! As pessoas vieram

até você, sentada debaixo da castanheira, vieram clamando quando o opressor ameaçou suas terras e suas vidas. Abelha, mãe, nenhuma mulher teve tantos filhos e filhas como você, Dorothy. O povo de Anapu, os colonos e colonas da Transamazônica vieram até você, te procuraram, te reconheceram como mãe, abelha trabalhadora que empenhou suas energias e criatividade em favor da vida. Te reconheceram e por isso te investiram de poder. Poder popular que não precisa de campanhas eleitorais corruptas. Poder popular aclamado pelos pobres, oferecido a quem opta por estar ao seu lado na gratuidade, a quem se empenha a devolver seus direitos, em favor da vida.

“Judith tão bela revela coragem ...” (Jt 9,1ss). Quando ninguém se opôs à idolatria que invadiu sua terra, Judite corajosamente se levantou. Coragem que desafia o medo. Coragem que se veste de teimosia e persistência. Coragem que faz florescer os sonhos, desperta a criatividade, inventa as formas e os meios para denunciar, pedir, ocupar, infligir. Coragem que faz nascer palavras e gestos que despertam a consciência, aproximam, articulam. Coragem que desperta, levanta as cabeças e leva o povo a se organizar. Coragem mesmo quando pareciam ações inúteis porque poucos acreditam e apostam nos pequenos.

“Anime seus filhos a luta ... Ela é um mártir com seus filhos” (2Mac 7,1ss). Nove balas tiraram sua vida, Dorothy. Três tiros fatais. *Um atingiu a cabeça* querendo matar teu sonho, tua utopia de vida, de uma terra livre, para um povo livre. *Outro atingiu o coração* com a intuição de esmagar, pisar em teu amor. Amor que fez da tua vida pedra de tropeço no plano dos grandes. Uma vida que denunciava opressão, injustiça e apropriação. Um testemunho incômodo, que levava a julgar a teimosia como loucura, porque amamos mais slogans do que sujar as mãos. *Um terceiro atingiu seu ventre*, querendo silenciar seu utero de mãe. Utero gravido de relações novas, de nova terra e novo céu, de nova sociedade, nova igreja, de nova vida.

“Das mães são os brados em nome da história ...” Tua escolha de vida colocou-te no caminho da vida religiosa-missionária. Sair de tua terra para ser missionária em terra brasileira, a terra do

Pará/Amazônia banhada em sangue. A convivência com o povo empobrecido, expulso de sua terra, a floresta ameaçada e depredada levou-te a vislumbrar novos horizontes, uma dimensão insuspeitada de viver a consagração e a missão. Descobrir que os votos não podiam ser pronunciados olhando para as nuvens, mas enxertando-se, encarnando-se no contexto histórico em que você foi chamada a viver.

Viver o voto de pobreza pediu-te de entrar na economia de Deus. Falamos sobre pobreza, Deus fala de justiça. Economia de Deus que fala de abundância. Abundância que é possível quando os bens são colocados em circulo. Quando a Mãe terra é respeitada e reconhecida nos seus direitos. Pobreza que não é poesia, mas simplicidade de vida, que põe em circulo não só os bens, mas a própria vida. E tua vida se tornou “*ab-audire*”, obedecer, escuta intensa da história, da natureza, do clamor dos empobrecidos. A obediência tornou-se escuta intensa da voz de Deus, do seu sonho, da utopia de quem é despojado de sua terra. “*De manhã em manhã ele me desperta, sim, desperta meu ouvido para que eu ouça como discípula*” (Is 50,4-5). Discípula porque te abriste à voz de Deus que sussurrava em teu ouvido: a castidade é o amor de ternura. É conhecer a vida, tornar-se íntimo da vida e fugir de relacionamentos superficiais. Penetraste no desejo de Deus, o seu sonho tornou-se teu: viver relações de amor contigo mesma, com as tuas irmãs, com os e as despossuídas, com a natureza, com Deus. Sonho-Amor que te fez clamar, te fez sonhar, te fez amar, te fez fiel aceitando ameaças de morte, a ponto de oferecer tua vida, colocá-la em circulo, e te tornaste Eucaristia, pão partido e vinho derramado.

Conscientizar, criar comunidade, espalhar a Palavra, articular, formar sindicatos. Um padre xaveriano que te conheceu naquela época deu este testemunho:

Eu me perguntei de onde tirava força, tenacidade para sustentar as longas marchas de uma vila para outra; de onde ela tirava a coragem que o fazia superar o medo do exército, dos pistoleiros, das ameaças de violência; essa mulher que muitas vezes caminhava sozinha. Um dia a descoberta: tudo vinha da Bíblia e de uma teca com a Eucaristia que ela sempre carregava consigo.

CIRANDAR A ENCARNAÇÃO

*“Minha ciranda não é minha só. Ela é de todos nós.
A melodia principal quem guia é a primeira voz.
Pra se dançar ciranda juntamos mão com mão
formando uma roda cantando uma canção”*

(Minha Ciranda – Lia de Itamaracá)

Ad vitam, colocar em circulo a vida e o que irmã Dorothy viveu. Viveu como consagrada, viveu como missionaria. Ser do comitê que organizava a celebração dos 20 anos de seu martírio me levou a refletir sobre a caminhada xaveriana. Nestes últimos dois anos nós, irmãs Missionarias de Maria-Xaverianas refletimos e nos interrogamos: como viver hoje nosso carisma missionário. A reflexão confluiu num documento que foi apresentado à Conferência Intercapitular tendo como título *“Una Tenda per la missione - Proposta di piste per un cammino comune nella missione oggi”*, traduzo aqui alguns trechos:

Nesta perspectiva, as respostas que vieram das comunidades e de cada irmã evidenciaram uma série de atitudes. “É o amor que deve conquistar nossos corações, abrindo-nos aos outros.

A missão hoje deve ser vivida em sinodalidade, em um processo contínuo de encarnação. A encarnação como descentralização, saída de nós mesmas, da zona de conforto para viver a comunhão com Deus, umas com as outras e com as pessoas a quem fomos enviadas; como caminho, movimento contínuo e conversão contínua; mudando o modo de ver e agir a que estamos acostumados, a busca de novas formas.

Como Família missionária e pessoalmente, somos chamadas a encarnar, em todos os lugares e sempre, o estilo de Jesus missionário do Pai, um estilo feito de proximidade, saída, caminhada com as pessoas, ternura, anúncio e cuidado. “Ele tem que crescer; eu, por outro lado, diminuir”.

Entre as passagens bíblicas mais citadas pelas irmãs: Fl 2,5-11 Fazendo parte do comitê que acompanhou o processo sentime provocada a refletir o Hino de Filipensis na otica da encarnação. O testemunho do padre xaveriano me fez intuir que irmã Dorothy viveu profundamente a proposta que Paulo fez à comunidade de Filipos enxertando na sua reflexão o hino.

Convido a ler, meditar, contemplar, sentir a batida, o ritmo:

<i>Toûto phroneíte en hymîn</i>	5ª	<i>Isto tendo em mente entre vós</i>
<i>hó kai en Christô, lêsoû,</i>	5b	<i>o que também em Cristo Jesus,</i>
<i>hós en morphê, theoù hypárchôn</i>	6ª	<i>o qual em forma de Deus existindo</i>
<i>ouch harpagmòn hêgésato</i>	6b	<i>não fez valer o direito de considerar-se</i>
<i>tò eînai ísa theô,</i>	6c	<i>o ser igual a Deus</i>
<i>allà heautòn ekénōsen</i>	7ª	<i>mas a si mesmo se esvaziou</i>
<i>morphèn doúlo labón,</i>	7b	<i>forma de escravo tomando</i>
<i>en homoiómati antrópôn gegómenos;</i>	7c	<i>em semelhança de seres humanos tornando-se;</i>
<i>kai schémati heuretheis hós ánrōpos</i>	7d	<i>e em forma exterior achado como ser humano</i>
<i>etapeínōsen heautòn</i>	8ª	<i>humilhou-se a si mesmo</i>
<i>genómenos hypékoos méchri thanátou, thanátou de staurou.</i>	8b	<i>fazendo-se obediente até (a) morte, e morte na cruz.</i>
<i>diò kai ho theòs autòn hyperypsōsen</i>	9ª	<i>Por isso também Deus a ele grandemente exaltou</i>
<i>kaí echarísato autô tò ónoma tò hypèr pân ónoma,</i>	9b	<i>e concedeu a ele o nome acima de todo nome,</i>
<i>hína en tō onómati lêsoû pân góny kámpsê, epouraniôn kai epigeiôn kai katachthoniôn</i>	10a	<i>para que em nome de Jesus todo joelho se dobre de (seres) celestiais e de (seres) terrestre e de (seres) debaixo da terra. . .</i>
<i>kai pása glōssa exomologēsētai</i>	11a	<i>e toda língua confesse</i>
<i>hōti kýrios lêsoû Christòs eis dóxan theoù patros.</i>	11b	<i>que (é) Senhor Jesus Cristo para glória de Deus Pai.</i>

Antes da Encarnação = forma de Deus (morphê theoù)

Na encarnação = forma humana (morphê doúlo)

ESTA CIRANDA NÃO É MINHA SÓ

Costumamos rezar, cantar, meditar, contemplar Filipenses 2,5-11 quase que isolado, subtraindo-o ao seu contexto histórico e literário.

É consenso de que o hino não é de autoria de Paulo. Provavelmente um hino litúrgico que Paulo ouviu cantar nas comunidades, ele o fez seu e o enxertou na carta endereçada aos Filipenses, tornando-o o coração do seu escrito. Carta que ele, provavelmente escreve da prisão de Efeso por volta dos anos 53-54 (2) (Neste artigo não entro na discussão de autoria, estrutura da carta, análise literária e exegética, a quem quiser aprofundar indico bibliografia no final do escrito).

Paulo está preso, este dado não é circunstancial, Paulo em viagem, não é o Paulo na prisão. A experiência de ser preso se torna uma situação teológica, um modo de pensar e um testemunho que se reflete no escrito. Estar preso aumenta a dependência de outros, mas também o torna solidário a situação de prisioneiros do poder romano. A carta e o hino não são um tratado teológico, nem artigo escrito na frente do computador, mas sim a carta de um preso que pode estar esperando sua sentença de morte; preso que dita suas palavras a alguém que está na sua mesma situação; que ao mesmo tempo recebeu notícias que nas comunidades geradas em sua missão há conflitos e tensões. Ele agradece a ajuda solidária da comunidade, mas quer deixar claro sua independência, pois não quer entrar no esquema de relações de clientelismo que imperavam nas colônias romanas.

As notícias que recebe lhe falam que os conflitos e tensões vêm de 'correntes teológicas' que se adequam à estrutura hierárquica e de prestígio da estrutura e cultura do império. Esta parece estar gerando dois grupos: o grupo que está adequando a vivência cristã à cultura do império romano; o grupo que se mantém fiel à vivência da fé cristã recebida pela pregação missionária paulina. Desde a prisão Paulo, com autoridade que lhe vem de sua experiência escreve à comunidade: há um único caminho a ser percorrido para quem se declara pelo Messias Jesus Cristo, percorrer o

mesmo caminho que Ele percorreu, o caminho da encarnação, o caminho da cruz e ressurreição.

Este olhar nos possibilita ler a Carta aos Filipenses e seu Hino à luz à luz do martírio de irmã Dorothy, padre Josimo, Chico Mendes, Marguerida Alves e tantos outros e outras martires anônimos. É perceber que Paulo declara que as implicações ideológicas, éticas e teológicas vividas por aqueles que se formaram na cultura dominante e assimilaram à dinâmica hegemônica imperial, agora devem romper com ela, pela opção de fé no Messias Jesus. A experiência de Paulo preso pelo poder imperial, consequência do seu *“não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”* (Gl 3,20a) o leva a pedir à comunidade de Filipos *“tenham em vocês mesmo sentimentos que estiveram em Cristo Jesus”* (Fl 2,5).

Sua carta se torna uma ‘contra-ideologia/teologia’ ao conceito de prestígio que está na base da ideologia romana. Ao assumir o hino tornando-o o coração de sua reflexão, Paulo assume e aprofunda o crer das comunidades que elaboraram hino: o caminho percorrido pelo Messias Jesus é um chamado a libertar-se das relações opressivas vividas no âmbito do domínio imperial. As comunidades que o elaboraram propoem, que as comunidades cristãs sejam um espaço de gratuidade, inclusão, igualdade e justiça.

CIRANDA DE TODOS/AS NÓS

Filipenses 2,5-11 é uma das profissões de fé que as primeiras comunidades cristãs nos legaram, torna-se para nós hoje um fio que costura nossas reflexões sobre missão, sobre *ad vitam*. Com elas cantamos, proclamamos, testemunhamos o caminho da encarnação, kenosis, exaltação de Jesus de Nazaré, o Cristo, o Filho de Deus.

Paulo cantou, viveu esta profissão de fé e fez dela o coração da sua carta à comunidade de Filipos. Ele pede a esta comunidade que tanto amou, que percorra o caminho de Jesus Cristo, seja uma comunidade que vive, testemunha e anuncia a Boa Nova de Jesus Cristo, a Boa Nova do Reino. Paulo convida a nós que

a lemos hoje, a contemplar e retomar o caminho percorrido por Jesus como o caminho do novo modo de ser comunidade (sinodalidade), de evangelizar (missão).

Na carta, ele introduz o hino cristológico através de um convite eclesiológico: o que estava no coração de Jesus Cristo, em sua mente, em seus sentimentos e ação deve ser coração, mente, sentimento e ação para cada cristão, para a comunidade, na missão.

A comunidade de Filipos foi uma forte testemunha de evangelização. Jesus Cristo foi a fonte alimentada pela presença do Espírito, novas relações foram vividas na comunidade, apesar da presença de fragilidades humanas. Viver em Cristo, na comunhão do Espírito, expressava-se no amor, solidariedade e compaixão pelo outro/outra. Estar juntos nem sempre é viver em comunhão. Comunhão é interagir, participar, compartilhar mais do que espaço, coisas ou atividades. É viver em comunhão de sentimentos, empatia, tensão energética, tendo os mesmos objetivos e utopias. Na verdade, estar em comunhão vai além da presença, transcende o que é visível aos olhos: uma única mente, alma, espírito que move e dirige a ação. Jesus falou de amor incondicional (Lc 6,27-42), de compaixão solidária (Lc 10,29-37), assim como Paulo falou de oferecer a própria vida como um processo de transformação pelo outro, pelo Reino (Rm 12,1-9).

Paulo convida a comunidade a superar a fragilidade nas relações (sinodalidade) para anunciar, com vivência e palavra, a Boa Nova do Reino (missão). Ele convida e indica um caminho: o caminho de Jesus de Nazaré.

O hino canta o Evangelho de Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, nos leva a perguntar: o que Deus manifestou, revelou em Jesus Cristo? O mesmo hino responde: Deus traçou em Jesus Cristo um caminho de libertação, plenitude de vida, shalom. Ser cristãos, viver a missão é percorrer o mesmo caminho que Jesus trilhou. Uma jornada que pode ser realizada em dois movimentos: descida e subida, humilhação e exaltação, morte e ressurreição. Uma descida que começa ao nível mais alto, o de Deus; uma subida que é um retorno a Deus.

A MELODIA PRINCIPAL QUEM GUIA É A PRIMEIRA VOZ

Na Encarnação, o Filho, em Jesus, desceu ao nível mais baixo possível nesta terra, o de escravo, de morte na cruz. No movimento de descida reconhecemos quatro momentos: homem, escravo, morto, crucificado: é o esvaziamento total. Na cruz, amaldiçoado pelos homens e aparentemente também por Deus, Cristo foi totalmente esvaziado de qualquer dignidade, reduzido a nada, total nulidade de poder. É no esvaziamento radical que o Pai lhe dá um nome, o eleva grandemente. Descida para se tornar um com a humanidade, elevação que eleva consigo a humanidade, toda a realidade criada. O movimento de descida e ascensão contém toda a novidade do Evangelho. Ter fé é acreditar no que este hino proclama, é um caminho que orienta a vida de cada batizado: evangelização, missão.

Penetrando o hino, vislumbramos a Encarnação como uma jornada exodal. Paulo conhece bem o caminho do Êxodo, porque está bem inserido na tradição judaica, sabe que a memória do Êxodo é o encontro de Deus com o povo que clama e sofre (Êx 3, 7ss). Uma experiência de encontro com a Divindade que é libertação, restauração da dignidade, dom de uma terra, um novo modo de viver em sociedade, na terra, uma sociedade comprometida com o cuidado, à convivência com todas as expressões da vida. Uma experiência que ressoa em todo o Primeiro Testamento (Sl 85, 9-14) e que em Jesus corre como um rio carsico. Nas estradas da Palestina, Jesus de Nazaré é reconhecido pelo povo como a visita de Deus (Lc 7,16), como a Palavra que arma a sua tenda no meio de nós, assumindo sobre si a nossa carne, a nossa história (Jo 1,14).

Paulo, em suas cartas, fala pouco do Jesus histórico, ele apenas menciona que na plenitude dos tempos Deus enviou seu Filho através do ventre de uma mulher (Gl 4,4). No hino que as comunidades proclamaram e cantaram como caminho da encarnação, Paulo reconhece e acolhe o caminho do êxodo do Filho em Jesus de Nazaré. No êxodo, a Divindade desce ao encontro de um grupo humano reduzido à escravidão, caminha com eles

para conduzi-los à plenitude da vida; assim, o Filho, em Jesus de Nazaré, desce ao encontro da humanidade, para assumir a sua história e para indicar o caminho a percorrer para ter plenitude de vida (Jo 10,10).

Retomando o antigo hino, o apóstolo ajuda-nos a compreender a *kenosis*, o *despojamento* que o Filho experimenta em Jesus de Nazaré, um despojamento que não é um ato heróico, mas a caminho do amor, de encontrar a humanidade e assumir a sua história. Jesus Cristo esvaziou a si mesmo para vir ao encontro da humanidade. Ele fez sua jornada de êxodo por amor, para nos encontrar. Descer, encontrar, assumir a história muitas vezes banhada em sangue, marcada pela escravidão, pela desigualdade, pela pobreza, pela guerra, pelo ódio. Encontrando a história com suas ambigüidades e ambivalências. Assumir a história embebida em sangue, identificar-se com aqueles que a história esvazia de dignidade, de humanidade e, quando Deus o eleva, conduzi-la com Ele à plenitude da vida; com Jesus sendo elevado, recebendo um nome universalmente reconhecido e proclamado. Ser exaltado pelo Pai é levar consigo a história, a humanidade inteira no caminho da ressurreição.

PRA SE DANÇAR CIRANDA JUNTAMOS MÃO COM MÃO

Paulo convida a comunidade a viver o caminho de Jesus, sua própria experiência de ser prisioneiro lhe dá autoridade (Fl 1,12-19). Ele convida a descer ao nível daqueles que perderam tudo na história, daqueles que não são pessoas, daqueles que não contam para o sistema, nesta obediência aos despossuídos revela a vontade de plenitude de vida do Deus transcendente.

Obediente até a morte e morte na cruz. O poema destaca o caminho da encarnação assumindo o que é próprio da natureza humana: a morte, mas não é uma morte natural, é a morte na cruz. A cruz que é uma realidade negativa como se torna Boa Nova, o Evangelho da liberdade, da vida? Em Jesus, a cruz torna-se Boa Nova porque é denúncia, é amor. É palavra que

desmascara a mentira do poder fortalecido pelo autoritarismo, mentiras e repressão. É palavra que denuncia o poder que mata, para silenciar a verdade. A cruz põe a nu a arrogância daqueles que se consideram perfeitos, superiores. O judaísmo normativo e legalista rejeitou Jesus e sua proposta que colocava no centro a vida, os excluídos da sociedade e da religião. A recusa é assumida como fidelidade radical, na escolha de estar com os últimos até dar a vida, para ser vida.

O hino destaca o caminho da libertação a partir dos últimos, denuncia o caminho daqueles que oprimem, destroem, escravizam e crucificam. O Messias assume a “forma” de um escravo para se identificar com quem não conta na história. O escravo não é humano. Jesus se torna um escravo para declarar que o escravo é humano. Sua obediência não é a obediência do escravo, mas desobediência à ordem estabelecida. Obediente até a morte e morte na cruz. Uma cruz que era a morte para aqueles que desobedeciam à estrutura que negava a vida. Em Jesus, a desobediência torna-se o caminho de quem não se resigna às estruturas que desumanizam em busca da sua liberdade, dignidade, vida em plenitude. É tornar-se escravo para ressaltar a humanidade do escravo a partir da própria escravidão. Escravidão que se torna lugar teológico, pois a obediência não é a obediência do escravo e sim desobediência a ordem constituída. Quando cantamos: ‘se fez obediente até a morte e morte na cruz’ cantamos uma denúncia, pois a cruz não se destina ao escravo obediente, mas ao escravo desobediente, aquele que não se resigna ao seu lugar de desumanizado e se rebela em busca de sua liberdade. A obediência de Jesus não é uma obediência à ordem vigente que desumaniza o escravo, mas obediência à sua condição de ser humano livre, a dignidade que está escrita nele desde a criação da qual Jesus é portador.

A obediência de Jesus é obediência à condição humana, a morte é própria do ser humano, a dignidade de pessoa livre, a morte na cruz revela a centelha divina do ser humano da qual Jesus é portador desde a criação do mundo. Cada cristão é chamado a percorrer, em comunidade, esta experiência coletiva, este ca-

minho que conduz à plenitude humana. A comunidade vive esta experiência coletiva que é caminho que leva à plenitude humana, que se constrói através de relações de humildade, identificação, gratuidade, solidariedade e entrega total por amor.

Paulo convida-nos a contemplar o caminho até à cruz e pergunta-se: quem é Jesus? Contempla a cruz e ela revela-lhe a total gratuidade do amor. Liberdade vivida na plenitude do amor. A liberdade vivida no desafio da escolha radical da vida. A cruz revela o totalmente diferente: indica o caminho que nos convida a viver a vida libertando e redimindo a cruz. Tomar a cruz sobre si não significa passividade, resignação, mas compromisso de eliminar as cruces criadas pelos sistemas imperialistas e excludentes. Ele não diz que o fará em nosso lugar, mas nos garante que permanece conosco no árduo compromisso de viver em comunidade, de saber sair/descer para anunciar o Reino, sua proposta de vida.

A experiência do carcere coloca Paulo, aos olhos da ideologia romana na posição dos inferiores na hierarquia social. Se a ideologia dominante consiste em constantes competições Paulo se situa no lugar dos perdedores. A partir deste lugar o apóstolo lê a experiência 'cristica' e daí exorta a comunidade e se moldar à experiência do Messias Jesus. É na identificação com os mais humildes dos humildes, com as não-pessoas, a partir da escravidão que se revela a vontade libertadora do Deus transcendente. É neste crucificado da história que se revela a plenitude de vida ao qual todo joelho ha de se dobrar. O caminho libertador a partir dos últimos, da humildade, evidencia o confronto que a comunidade é chamada a experienciar com o caminho opressor que escraviza, destrói e crucifica.

A 'humildade' que Paulo exige da comunidade, quando pede para se identificar com Jesus, não se trata de modestia pessoal entendida como virtude relacional ou timidez que faz corar ou baixar a cabeça diante do poderoso que se impõe. É experiência messiânica, é construção pessoal, comunitária e coletiva é caminho que leva à humanidade plena: a humanidade que se

liberta e se constrói nas relações gratuitas, na entrega por amor. É solidariedade com o escravo que se declara, que atua para liberdade e que por isso é crucificado. Não é o escravo obediente que morre trabalhando por seu patrão ou exaurido nas explorações imperiais. É o escravo que, em sua humildade, fez-se obediente à sua livre condição humana e afronta a morte, a morte na cruz.

É a partir desta experiência (Fl 2,17) que Paulo exorta a comunidade e pede que subvertam toda lógica do poder, que questionem todo sentido de autoridade que se baseia no prestígio, na posição social, na riqueza, no autoritarismo. A solidariedade, a gratuidade, a identificação passam a ser o verdadeiro poder que leva os e as crentes a trabalharem construtivamente. Esta experiência de ‘rebaixamento’ social longe de ser ansiedade, amargura resulta em alegria pois é de onde se oferece o testemunho da força do evangelho.

FORMANDO UMA RODA CANTANDO UMA CANÇÃO

Ad vitam: Ideologia ou Teologia? Uma experiência de fé pode se converter em visão ideológica? Paulo nos provoca, e com ele irmã Dorothy e todos e todas aqueles que ousaram percorrer este caminho: a experiência de fé pode ser o lugar a partir do qual é possível questionar a ideologia dominante o sustento organizador do poder imperial, hoje diríamos do negacionismo, do poder financeiro, dos projetos de mineração, do latifúndio, do agronegócio, dos projetos que abusam e destroem a Mãe terra. Ele, eles, elas o fazem a partir do cárcere, a partir do lugar ao qual foi submetido pelo poder reinante, pela violência e abusos, pelo descaso, pelo.... É denúncia e ao mesmo tempo proposta. É a partir da identificação com os que não contam, a partir do lugar de escravo, de quem está preso como Paulo, que são expulsos de suas terras, silenciados, anuladas levantam sua proposta *ad vitam*.

É a partir dos ‘agricultores que estão desprotegidos no meio da floresta’ que Dorothy percorreu o caminho, entrou na dança da vida que iniciou com Jesus de Nazaré. Dorothy, Josimo, Margari-

da, Chico, Adelaide, Maria, Luciney gritam: *Nós somos as sentinelas desta terra. Nós vivíamos aqui antes de você chegar. Somos parte desta terra, ela é parte de nós... não quereis preservar, mas destruir, explorar. Ah, senhores, isto nunca vamos permitir! Ad vitam!*

E como Paulo enxertou no seu escrito um Hino que expressava seu pensar-viver, seu crer no Messias Jesus, enxerto aqui finalizando e ao mesmo tempo abrindo um ritual celebrativo que Dorothy inspirou e que convido vocês a *cirandar*:

RÉQUIEM PARA DOROTHY STANG

Introitos

*Tambores da terra
Tambores da água
Tambores do fogo
Tambores do ar.*

Amazônia! Amazônia!

*A liberdade dos pássaros voando.
A liberdade dos peixes navegando.
A liberdade das águas desaguando.
A liberdade das árvores crescendo.*

Amazônia! Amazônia!

*Cristo caminhava sobre as águas.
Rudá revoava nas florestas.
Foi ali que Dorothy Stang
pela terra sem males viveu.
Foi ali que Dorothy Stang
pela terra sem males morreu.*

Kyrie

*Senhor tem piedade da terra
e do povo da terra.
Cristo tem piedade da terra
que mata o povo da terra.
Rudá* tem piedade do povo
que morre em defesa da terra.*

Dias irae / Lacrimosa

*Dias de ira virão
quando a floresta
for somente cinzas.
Dias de ira virão
quando a vida na floresta
for somente cinzas.
Assim diz o canto da acauã.
Assim diz a voz de Dorothy.
Dias de ira virão na terra vã.
Ai! Dias de lágrimas
por Dorothy Stang, Chico Mendes
Pe. Josimo, Canuto,
Mártires da Terra.
Dias de lágrimas
por Dorothy Stang, nossa irmã,
que por ela já não canta o acauã.
Tudo acabou.
Tambaramã.
Tudo Acabou.
Tambaramã.*

Sanctus

*Santos! Santos! Santos!
Jesus Cristo! Caruanas! Encantados!
Recorda-te Jesus Piedoso.
Recorda-te Rudá, Deus da Floresta.*

*Tu que sempre acompanhaste
os homens e mulheres da terra,
por que deixaste só nesse caminho
nossa irmã Dorothy?
Assim foi alvo tão fácil
para as balas
seu coração de pássaro sem ninho.
Rio de sangue.
Tamalatiá.
Rio de sangue.
Tamalatiá.*

Benedictus

*Bendita irmã
que vieste em nome do Senhor!
Não pudeste vencer o latifúndio
assassino do homem,
algoz da natureza.
Quem poderá nos salvar?
Quando o dia da justiça
há de chegar?*

Agnus Dei

*Cristo-Rudá!
Tu que tiraste os pecados do mundo
Tem piedade de nós.
Cristo-Rudá!
Tu que tiraste os pecados do mundo
por que não tiraste da mira
do assassino
nossa irmã Dorothy?
Seis balas cravadas em seu peito
só derramaram amor do coração.
Estava só nessa hora e sem defesa
aquela que defendia cada irmão.
Cristo-Rudá!
Tu que tiraste os pecados do mundo
não pudeste impedir
que Dorothy
morresse na mão do algoz.
Tem piedade de nós*

Lux aeterna

*Tambores da terra
Tambores da água
Tambores do fogo
Tambores do ar.
Tambores de toda a Amazônia,
tocai!
Pela irmã Dorothy Stang,
tambores tocai!
Para acordar o coração do mundo
tambores tocai!
Para romper o silêncio do mundo
tambores tocai!
Por nossa irmã Dorothy Stang
tambores tocai!
Por aquela que viveu
pela terra sem males
tambores tocai!
Por aquela que morreu
pela terra sem males
tambores tocai!
Por nossa irmã Dorothy Stang
tambores tocai!
Dá-lhe, Senhor, repouso perpétuo
que ela merece todos os hinos
e que a luz eterna divina a ilumine.*

(Poema de João Paes Loureiro, publicado originalmente em 06 de maio de 2008)

* Rudá é o deus do amor na mitologia tupi-guarani. Anjo Cupido responsável por flechar e amolecer o coração duro das indígenas e dos indígenas guerreiros e prepará-los para o amor. Segundo a espiritualidade indígena, ele vive nas nuvens e sua função é despertar o amor. Os indígenas cantam canções para o deus, em busca de esposos. É uma das três grandes divindades tupis, junto com Guaraci e Jaci. Rudá é responsável pela Lua cheia (Cairê) e pela Lua nova (Catiti).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBALHO Giuseppe. **As Cartas de Paulo (II)**. São Paulo: Loyola, 1991

COMBLIN José. **Epístola aos Filipenses**. Comentário Bíblico NT, Petrópolis: Vozes, 1985

DUNN James D.G. **A teologia de Paulo**. São Paulo: Paulus 2003

ELLIOT, Neil. **Libertando Paulo: A Justiça de Deus e a Política do Apóstolo**. São Paulo: Paulus, 1998.

ESTUDOS BÍBLICOS. **Carta aos Filipenses**. Petrópolis: Vozes, n. 102, 2009/2

FABRIS Rinaldo. **Paulo Apóstolo dos gentios**. São Paulo: Paulinas 2001

FRIGERIO Tea. **Carta aos Filipenses O sonho de Deus: uma casa acolhedora**. São Leopoldo RS. CEBI, Palavra na Vida n. 257

RIBLA, Revista de Interpretação Latino-Americana. **Paulo de Tarso – Militante da Fé**. Petrópolis: Vozes, n. 20, 1995/1

RIBLA, Revista de Interpretação Latino-Americana. **As vozes originárias de Paulo**. São Bernardo do Campo: Nhandutin Editora, n. 62, 2009/1.